RAEIC, Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación
vol. 7, núm. 13 (2020), 24-49
ISSN 2341-2690
DOI: <https://doi.org/10.24137/raeic.7.13.2>

Recibido el 1 de noviembre de 2019
Aceptado el 23 de diciembre de 2019

Imigrantes haitianas no Brasil, usos de TICs e experiências de ativismo

Cogo, Denise

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM),
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)
denise.cogo@espm.br

Alles, Natália Ledur

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM)
natalia.alles@gmail.com

Forma de citar este artículo:

Cogo, D., y Alles, N. L. (2020). "Imigrantes haitianas no Brasil, usos de TICs e experiências de ativismo", *RAEIC, Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación*, vol. 7, núm. 13, 24-49.
<https://doi.org/10.24137/raeic.7.13.2>

Resumo:

O artigo tem como objetivo refletir sobre as dinâmicas de usos de TICs e de experiências de ativismo de mulheres haitianas no Brasil, no contexto de intensificação dos fluxos de imigração oriunda do Haiti a partir de 2010 e de surgimento de espaços comunicacionais

de ações coletivas desse grupo migratório. Fundamentado no campo conceitual de interface entre migração transnacional feminina e comunicação, o trabalho proposto constrói-se a partir de uma metodologia de caráter qualitativo que abrangeu a realização de cinco entrevistas com imigrantes haitianas nos estados brasileiros de São Paulo e Santa Catarina e a observação e a coleta de materiais sobre suas experiências de ativismo na internet. Os resultados apontam para o exercício de um ativismo demarcado por três perspectivas: a relevância da educação nos processos de participação pública dessas mulheres, a ocupação e criação de espaços midiáticos para tratar da realidade da imigração haitiana no Brasil e os condicionamentos de gênero para o engajamento das imigrantes em ações ativistas.

Palabras chave: imigração haitiana, gênero, ativismos, TICs.

Abstract:

This article aims to reflect on the dynamics of information and communication technologies uses and Haitian women's activism experiences in Brazil, considering immigration flows from Haiti intensification since 2010 and the emergence of communicative spaces for this group's collective actions. The proposed work is conceptually based on the interface between female transnational migration and communication, adopting a qualitative methodology that includes five interviews with Haitian immigrants in the Brazilian states of São Paulo and Santa Catarina; furthermore, this group Internet activism's experiences have been observed followed by data collection. Results point to the exercise of activism marked by three perspectives: the relevance of education in the processes of these women public participation; the occupation and creation of media spaces to address Haitian immigration in Brazil reality; and gender conditioning for immigrant engagement in activist actions.

Keywords: Haitian immigration, gender, activisms, ICTs.

1. INTRODUÇÃO

Após o terremoto que atingiu o Haiti em 2010,¹ o Brasil consolidou-se como uma das novas rotas migratórias da diáspora haitiana no mundo, somando-se a destinos que, há décadas, contam com presença significativa dessa diáspora, como Estados Unidos, França, Canadá, República Dominicana, Bahamas, Martinica, Guadalupe e Guiana Francesa (Audebert, 2017; Handerson, 2015). Dados do Ministério dos Haitianos Residentes no Exterior (MHAVE) indicam que, nesses países, residem a maioria dos cerca de 5 milhões de haitianos que vivem no exterior, o que representa cerca da metade dos 10 milhões de habitantes que compõem a população do Haiti (Handerson, 2015, pp.40-41).

Dentre os diferentes fatores que contribuíram para o recente crescimento da migração de haitianos para o Brasil,² situam-se a realização das obras de infraestrutura relacionadas à Copa do Mundo de 2014 e às Olimpíadas de 2016, o endurecimento das políticas migratórias nos países do chamado norte Global e a crise político-econômica que atingiu Estados Unidos e Europa em 2008.

Em 2017, estimativas apontavam entre 60 e 65 mil haitianos instalados em diferentes regiões brasileiras (Handerson, 2017), posicionando o Brasil como o país sul-americano com maior presença de imigrantes haitianos e como um dos principais espaços transnacionais que integra, atualmente, a rota Sul-Sul dessa diáspora (Audebert, 2017).³

Os haitianos que chegaram ao país, nesses últimos anos, ingressaram pelas fronteiras da região norte do país e pelos aeroportos de grandes cidades brasileiras, principalmente Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. Em 2012, o governo brasileiro, através do Conselho Nacional de Imigração (CNIg), criou um dispositivo legal – denominado visto humanitário– orientado à regularização dos haitianos que chegavam sem os vistos exigidos para ingresso no país. Boa parte dos chegados ao país já não

¹ Embora o terremoto seja frequentemente apontado como o principal fator para a migração de haitianos para o Brasil, Pimentel e Cotinguiba (2014) defendem que o fenômeno precisa ser lido em sua multidimensionalidade e à luz da constituição histórica do Haiti como nação diaspórica.

² Apesar desse crescimento, o Brasil conta com percentual pouco significativo de imigrantes em sua população, aproximadamente 0,9%, ou seja, um total de 700 mil estrangeiros numa população de mais de 200 milhões. Disponível em: <https://bit.ly/2NfWjVE>

³ Chile, Equador e Peru são outros três países sul-americanos com presença expressiva de haitianos.

residiam no Haiti, mas procediam de outros países, como República Dominicana, Equador, Cuba e Chile.

O estado de São Paulo consolidou-se como o principal destino dos haitianos que ingressaram em território brasileiro a partir de 2010, seguido por Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Contudo, apesar da preferência pelos grandes centros urbanos, nos primeiros anos de inserção no país, os imigrantes haitianos já estavam presentes em aproximadamente 15 dos 26 estados brasileiros, além do Distrito Federal, onde se situa a capital do país. A difusão espacial tem sido uma das características dessa imigração, impulsionada possivelmente pelas lógicas das redes de trabalho e os contratos oferecidos por empresas em diferentes regiões brasileiras (Handerson, 2017, p.16).

A partir de entrevistas com imigrantes haitianos, Handerson (2017) levanta um conjunto de perspectivas sociocomunicacionais e culturais que poderiam ter contribuído para a escolha do Brasil como novo destino da diáspora haitiana a partir de 2010. O autor destaca, inicialmente, a posição específica ocupada pelo exército brasileiro no comando das tropas da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH). Embora a Missão –que operou no Haiti entre os anos de 2004 e 2017– tenha sido alvo de críticas devido à atuação violenta e à interferência nos processos de autonomia haitiana, a presença brasileira no país pode ter colaborado para a familiarização do Brasil no universo haitiano.

Handerson (2017) remete, ainda, a um discurso governamental de abertura e hospitalidade em relação aos haitianos. Tanto no Haiti como em outros países, circulavam narrativas sobre os incentivos que seriam dados à imigração haitiana no Brasil. Destacavam-se, nessas narrativas, informações sobre as ofertas de emprego em obras de infraestrutura da Copa do Mundo de 2014, os altos níveis salariais do país, ou ainda, a concessão de moradia e alimentação gratuitas aos trabalhadores imigrantes.⁴Um último aspecto mencionado pelo autor faz referência à imagem difundida no Haiti do Brasil como um “paraíso racial”, que poderia ter incidência especialmente no imaginário daqueles imigrantes haitianos que enfrentaram experiências de discriminação na República Dominicana e no Equador. Fundamentados

⁴ Informações que não corresponderiam à realidade encontrada no Brasil.

em vínculos culturais e históricos mantidos entre Brasil e Haiti, esses imaginários estão relacionados principalmente a elementos culturais como a origem africana comum, a música e o futebol. Baseiam-se também em referências contemporâneas das telenovelas e dos desfiles de carnaval transmitidos pelas emissoras de televisão haitianas (Handerson, 2017).

A partir de 2015, com o aprofundamento da crise econômico-política no Brasil e o crescimento dos índices de desemprego, muitos haitianos que viviam no país se dirigiram a outros destinos como Chile e Estados Unidos. O maior controle das fronteiras e do ingresso de imigrantes a partir do governo de Donald Trump gerou um novo fluxo de haitianos para o Brasil.⁵

Se, inicialmente, os migrantes haitianos que chegaram ao Brasil eram predominantemente homens jovens, com idade entre 23 e 34 anos, a partir de 2013 percebe-se um aumento no número de mulheres, crianças e idosos (Ximenes e Almeida, 2014). No que diz respeito às mulheres haitianas migrantes, destaca-se a existência de representações que as associam à ideia de constante gravidez e da migração como projeto de reagrupamento familiar. É importante também observar, conforme aponta a pesquisa de Handerson e Joseph (2015), que as oportunidades de trabalho para elas aparecem principalmente na área de serviços domésticos, embora frequentemente tenham atuado em outras profissões no país de origem e possuam elevado grau de escolarização. Segundo os autores, é fundamental, ainda, considerar a questão racial e a discriminação existente no Brasil nas análises sobre as condições de vida e de trabalho encontradas por essas imigrantes

2. CONTEXTUALIZAÇÃO E MARCO TEÓRICO

2.1. A (IN)VISIBILIDADE DAS MIGRAÇÕES FEMININAS

No contexto de intensificação dos movimentos migratórios no mundo, as pesquisas sobre migrações apontam para uma ampliação do número de mulheres migrantes. Marinucci e Milesi (2016), baseados em dados da ONU, indicam que, dos imigrantes internacionais registrados em 2013, 48% eram mulheres. Percentual que sobe para

⁵ Disponível em <https://bit.ly/2JqpdKQ>

51,6% quando se considera apenas a América Latina e o Caribe. Apesar desse contexto, as dinâmicas migratórias seguem sendo frequentemente abordadas como questão masculina, da qual as mulheres participam como coadjuvantes ou, acompanhantes (Alencar-Rodrigues, Strey e Espinosa, 2009).

Como salienta Assis (2007), embora migrem majoritariamente em família, as mulheres também migram sozinhas, por distintos motivos, buscando autonomia, novas oportunidades ou fugindo de situações de violência ou discriminação. Marinucci e Milesi (2016) sintetizam essas diferentes configurações dos movimentos migratórios femininos, apontando o número crescente de mulheres que possuem projeto migratório individual ou que se deslocam por questões de trabalho, sendo muitas vezes as principais provedoras de seus lares. De acordo com os autores, pode-se pensar na migração feminina como instrumento de empoderamento feminino, mas também como tentativa de sustento das famílias através das remessas ao país de origem.

Gregorio Gil (2009) observa que as mulheres migrantes, especialmente as oriundas de países pobres, são constantemente representadas como uma categoria homogênea, vítimas passivas da miséria e de suas sociedades patriarcais. Também nesse sentido, Guizardi, López, Nazal e Valdebenito (2017) consideram que as mulheres migrantes sofrem o atravessamento de distintos elementos de marginalização —a partir da noção de interseccionalidade⁶—, de modo que vivem processos de condensação das desigualdades sociais.

As questões de gênero atravessam os movimentos migratórios articuladas, ainda, a outras perspectivas identitárias, como as de classe, geração e raça, configurando as oportunidades das mulheres e dos homens migrantes (Assis, 2007) e condicionando suas trajetórias e modos de inserção nos contextos de imigração. É comum, por exemplo, que sejam reservados às mulheres os trabalhos domésticos e de cuidados (de crianças, idosos, etc.) ou aqueles relacionados ao mercado do sexo, o que tem

⁶ A noção de interseccionalidade busca contemplar, conforme Piscitelli (2008) e Brah (2006), as múltiplas desigualdades e diferenças que afetam os modos como sujeitos se posicionam, visto que, no marco das estruturas de relações sociais, as mulheres não existem somente como mulheres. No estudo desenvolvido nesse artigo, são mulheres, migrantes, haitianas, negras, oriundas de países economicamente desfavorecidos, etc. Busca-se, portanto, pensar as desigualdades de gênero em articulação e interconexão com outras categorias (Alles e Cogo, 2017).

colaborado não apenas para circunscrever as mulheres imigrantes ao exercício de atividades tipicamente “femininas” como para reforçar o estereótipo de que as migrações de mulheres estariam majoritariamente relacionadas ao trabalho sexual ou às redes de tráfico de seres humanos.

Nesse sentido, a ideia de que o binarismo masculino-feminino estabeleceria lugares fixos e naturais para cada gênero (Louro, 2011), desconsiderando singularidades e complexidades dos sujeitos, contribui para a reflexão sobre os objetivos e particularidades das mulheres nos processos migratórios, bem como para pensarmos nas possibilidades de mobilização, ativismo e nas dinâmicas de visibilidade desses sujeitos e coletivos nos países de destino. Segundo Gregorio Gil (2009), as migrantes raramente são pensadas como agentes, mesmo que venham assumindo lugares de protagonismo no espaço público e se organizando em associações para reivindicar direitos e ampliação da cidadania para si mesmas e para outros sujeitos que se encontram em situação de vulnerabilidade (Marinucci e Milesi, 2016).

Motta Ramirez (2019, p.2) também se preocupa em destacar o que chama de “enunciação no masculino” da história das migrações para ressaltar que essa “invisibilidade” e “ausência” não correspondem à realidade do envolvimento e mobilização crescentes das mulheres imigrantes no espaço público, para além de uma imagem estereotipada de um feminino dedicado à esfera privada e ao imobilismo. O autor relaciona uma série de estudos sobre migração feminina que indicam a presença crescente de mulheres que migram sozinhas, diplomadas de ensino superior e que vivenciam experiências associativas ou desenvolvem ações sociais e práticas de animação cultural, incluindo aquelas orientadas ao acompanhamento da chegada de novos imigrantes.

Uma das dimensões que tem mobilizado os debates em torno das questões de gênero e ativismos migrantes está vinculada ao crescimento e ao mesmo tempo às limitações que enfrentam as mulheres para sua inserção e participação em ações e mobilizações em torno das causas migratórias ou mesmo femininas nos países de migração. Os condicionamentos culturais e políticos enfrentados por mulheres migrantes, como aquelas oriundas de países árabes, aparecem em análises de pesquisadoras como Varela

(2013). Ao pesquisar movimentos de mobilização de migrantes em Barcelona, ela aponta que as lógicas masculinizadas dos movimentos sociais de migrantes, o excesso de horas de trabalho ou a falta de legalização que restringe a atuação de mulheres ao âmbito da prostituição⁷ e do serviço doméstico operam como elementos limitadores para a participação nos movimentos ativistas migrantes (Varela, 2013).

No entanto, embora uma maioria de ativistas pesquisada por Varela (2013) em Barcelona seja constituída por homens, a autora não deixa de atestar a presença de figuras femininas na fundação e gestão de associações migratórias ou em atividades especializadas na área do direito migratório. A partir de um episódio específico de luta dos migrantes em Barcelona –o ciclo de “encierros” de 2005– Varela registra também o crescimento do ativismo feminino, como aquele observado na organização de um “encierro” específico por parte de mulheres migrantes. Embora tenha durado apenas uma semana, esse movimento esteve fortemente demarcado pelos esforços das mulheres migrantes pelo reconhecimento público, tanto frente a outras mulheres migrantes como não migrantes do bairro, quanto na busca e produção de uma visibilidade pública nos meios de comunicação espanhóis.

2.2. MIGRAÇÕES, USO DE TICS E ATIVISMO NA DIÁSPORA

Martín-Barbero (2004) nos oferece, em sua obra, reflexões sobre os processos sociais de apropriação, resistência e ressemantização possíveis das produções, conteúdos e lógicas das TICs. O autor reconhece as possibilidades de apropriação diversas e nem sempre previsíveis das tecnologias, que são capazes de configurar outras formas de saber, percepções, sensibilidades, linguagens, sociabilidades e modos de intervenção na realidade social, sem, contudo, desconsiderar as dinâmicas de imposição, dominação e homogeneização implicadas no desenvolvimento e usos das TICs.

O autor localiza, ainda, nos migrantes e cibernautas duas das figuras da sensibilidade e da mobilidade responsáveis por embaralhar a ordem, desestabilizar a razão dualista e sintetizar parte das mutações tecnológicas e culturais que vivemos (Martin-Barbero,

⁷ Varela menciona também os conflitos relacionados ao preconceito manifestado por migrantes homens em relação à presença, em movimentos de mobilização, de mulheres migrantes que exercem a prostituição.

2015). Ao retomar o pensamento de Martin-Barbero para pensar a aproximação entre deslocamentos entre territórios e os fluxos comunicacionais, Brignol (2018) salienta o modo como as narrativas migrantes se misturam, se aproximam e se tensionam com as experiências narrativas hipertextuais na web, constituindo-se como dinamizadores de identidades, tecnicidades, bem como de lógicas de cognição e modos de apropriação da técnica.

Pesquisadores têm refletido sobre diferentes aspectos dos usos das TICs em instâncias das experiências migratórias: no planejamento e implementação de projetos de migração; nos processos de instalação, ocupação, sociabilidade e participação nos novos contextos de imigração; nas dinâmicas de interação com familiares e amigos nos países de origem; no envio de remessas aos países de origem; no desenvolvimento de políticas culturais e de entretenimento nos países de destino e em ações de mobilizações por direitos e cidadania, tanto nos países origem como de destino (Brignol e Costa, 2018; Cogo, ElHajji e Huertas, 2012; Georgiou, 2018; Jolivet, 2017; Navarro García, 2014; Scopsi, 2009).

Para Cogo (2017), a apropriação das TICs possibilita aos migrantes a produção de espaços de experimentação nas disputas por cidadania em suas dimensões socioeconômica, política, jurídica, cultural e comunicacional, nos quais se articulam as lutas pela chamada “cidadania universal”, definida como defesa da mobilidade e livre circulação humana e vigência dos direitos sociais dos imigrantes em uma perspectiva supranacional e para além de seu pertencimento a um país de nascimento ou origem. Para muitos grupos e redes migratórias, a comunicação tem se constituído, ainda, como lugar estratégico para elaboração e circulação de outras imagens e memórias sobre as migrações contemporâneas, que confrontam e pluralizam os discursos midiáticos hegemônicos, especialmente aqueles que criminalizam os migrantes associando-os a conflito e problema.

Em estudo sobre a criação de mídias por imigrantes marroquinos na Espanha, Navarro Garcia (2014) destaca a emergência de “novas esferas públicas transnacionais” no contexto das quais “as populações migrantes e não migrantes podem se reencontrar, compartilhar interesses e valores comuns; e como podem se mobilizar juntas para

defender causas em novos espaços de ação coletiva” (Navarro García, 2014, p.80). A autora propõe, contudo, que a compreensão das mobilizações políticas através dos usos das TICs não se limite a um binarismo entre espaços midiáticos tradicionais e espaços criados e produzidos pelos imigrantes. Sugere, ainda, que esses espaços não sejam considerados intrinsecamente subversivos apenas por serem conformados por demandas relacionadas às identidades étnicas.

Em diferentes espaços de presença da diáspora haitiana no mundo, os imigrantes têm engendrado dinâmicas sociocomunicativas através dos usos das TICs. Parham (2004) analisa essas dinâmicas em estudo realizado, nos anos 2000, nos Estados Unidos, sobre a participação de imigrantes haitianos no Global Village Forum, website orientado à diáspora haitiana. A autora destaca a produção e o exercício de subjetividades nacionais, por parte dos imigrantes, assim como de discursos transnacionais que extrapolam as fronteiras e criam vínculos entre comunidades nacionais dispersas. No contexto canadense, Jolivet (2017) reflete sobre o papel das mídias e das redes sociais na emergência de territórios conectados para as populações de origem haitiana em Montreal, enfatizando a dimensão sonora dessa territorialidade. A autora analisa a diversificação das práticas comunicacionais de haitianos favorecidas pelos usos do telefone celular e da internet, o que tem permitido aos imigrantes enfrentarem melhor a experiência de desarraigo a partir da produção de “âncoras múltiplas” que lhes permitem a manutenção dos vínculos com os diferentes espaços.

No Brasil, desde sua chegada ao país, em 2010, haitianos e haitianas estiveram mobilizados para a criação de blogs, sites, grupos e perfis em plataformas de redes sociais como Facebook,⁸ Youtube, etc., buscando articular, denunciar e dar visibilidade às demandas por direitos e cidadania. Essas demandas abrangem, dentre outras, a regularização jurídica, o acesso à moradia, à saúde, à educação e a espaços de lazer e entretenimento, a busca de trabalho, o envio de remessas aos países de origem e a reagrupação familiar. Além disso, através das apropriações TICs, as redes migratórias de haitianos operam como redes sociocomunicativas de produção, circulação e

⁸ Como, por exemplo, Haitianos no Brasil, Haitianos Carioca, Comunidade Haitiana no Brasil, Haitien Porto Velho Brasil, Haitianos em São Paulo! e Associação dos Trabalhadores Hatianos em São Paulo.

intercâmbio de informações sobre o Brasil como novo espaço de inserção da diáspora haitiana no mundo.

A denúncia sobre o racismo vivenciado no Brasil e, articulado a ela, os esforços de constituição de outras representações do Haiti e dos haitianos junto à sociedade brasileira têm demarcado também as ações de ativismos desses imigrantes nas mídias digitais, conforme refletem resultados de duas pesquisas orientadas à análise das narrativas contra-hegemônicas produzidas e difundidas por esses imigrantes entre 2015 e 2017 (Cogo & Pássaro, 2017; Cogo, 2019).

3. METODOLOGIA

No contexto do engendramento dos espaços de autonomia pelas imigrantes haitianas no Brasil que se constituem nas singularidades de suas histórias individuais e processos migratórios distintos, busca-se, nesse artigo, identificar e compreender os usos que as imigrantes fazem das TICs em suas experiências de ativismo no Brasil.

A pesquisa, de caráter qualitativo, baseia-se em entrevistas em profundidade realizadas com cinco haitianas residentes nos estados de São Paulo e Santa Catarina que possuem distintas vivências migratórias no Brasil. O número limitado de entrevistadas reflete tanto a presença mais recente e também menor de mulheres na composição do grupo migratório haitiano no país quanto, no marco dessa presença, os condicionamentos vivenciados pelas mulheres haitianas para participação em ações ativistas. Em função dessa limitação, as entrevistas foram complementadas com um levantamento documental na internet para observação e coleta de materiais sobre as experiências e projetos de ativismo mencionados pelas entrevistadas. As entrevistas foram realizadas entre 2014 e 2018, em pesquisas desenvolvidas pelas duas autoras do artigo.⁹

Na tabela a seguir, sintetizamos os principais dados que compõem o perfil das cinco haitianas entrevistadas:

⁹ No âmbito de três projetos de pesquisa: “Comunicação, consumo e mulheres migrantes no Brasil: ativismos, usos de TICs e cidadania” (2017-2018), financiado com bolsa de pós-doutorado Jr. do CNPq; Haitianos no Brasil - Usos de mídias e cidadania em redes migratórias transnacionais (2013-2016) e Comunicação, consumo e cidadania das migrações transnacionais: ativismos e usos da internet por haitianos e haitianas no Brasil (iniciada em 2016 e ainda em andamento), as duas últimas financiadas com Bolsa Produtividade Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Tabela 1. Perfil das cinco haitianas entrevistadas.

<i>Nome¹⁰</i>	<i>Idade¹¹</i>	<i>Local de moradia</i>	<i>Ano de chegada ao Brasil</i>	<i>Profissão no Brasil</i>
Gabrielle	35	São Paulo	2015	Professora de línguas
Kelly	29	Santo André/São Paulo	2014	Auxiliar de enfermagem
Nicole	28	Florianópolis/SC	2011	Estudante
Viviane	19	São Paulo	2013	Operadora de caixa
Marceline	30	Mauá/SP	2017	Pedreira/azulejista, Coordenadora de equipe de construção civil Artesã

As entrevistadas possuem distintos tempos de permanência no Brasil¹² e também migraram em situações e por motivos diferentes. Gabrielle, 35 anos, migrou sozinha, sem possuir conhecidos no país, após passar seis meses vivendo no Equador. Ela é professora de francês em uma ONG de São Paulo que contrata migrantes e refugiados como professores de idiomas, além de atuar como professora voluntária de português. No Haiti, havia trabalhado como professora em uma comunidade pobre do interior do país.

Kelly, 29 anos, estudava medicina no Haiti e, após o terremoto, foi para o Equador atraída pela promessa de uma bolsa de estudos que não se concretizou. Trabalhou como doméstica e vendedora ambulante até conseguir realizar um curso técnico em enfermagem. No Equador, conheceu seu atual esposo, também haitiano, que decidiu se mudar para o Brasil em busca de melhores empregos. Kelly chegou ao Brasil um ano após o namorado. Como não conseguiu validar seu diploma de técnica de enfermagem, fez um novo curso de auxiliar de enfermagem no país e iniciou o curso de técnica em

¹⁰ Embora as cinco mulheres aqui citadas tenham consentido com a realização das entrevistas e a menção a seus nomes, optamos pelo emprego de nomes fictícios para preservar sua privacidade.

¹¹ A idade mencionada é a que foi informada no ano da entrevista.

¹² Duas entrevistadas, Nicole e Viviane, retornaram ao Haiti algum tempo após a entrevista.

enfermagem, que abandonou devido ao nascimento da filha. Na época de realização da entrevista, morava com o marido, a filha e o sobrinho na cidade de Santo André, no bairro de Utinga, local em que vivem muitos haitianos e haitianas.

Nicole, 28 anos, faz parte de um grupo de 29 haitianos que chegou ao Brasil em 2011 para estudar na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Nicole cursou cerca de três anos da faculdade de Comunicação Social no Haiti e no Brasil formou-se na faculdade de Jornalismo. Afirmou, na entrevista, ter planos de prosseguir estudando em um mestrado.

Viviane, 19 anos, havia conhecido o Brasil em 2011 e em 2013 decidiu migrar, tendo sido acompanhada por seu pai. Na época da entrevista, em 2014, trabalhava como operadora de caixa em um supermercado de Guarulhos e cursava o Ensino Médio no turno da noite, no centro de São Paulo, onde residia. Fez um curso de hotelaria e turismo em Santo André, no ABC Paulista, mas não conseguiu trabalho na área. Tinha o plano de cursar a faculdade de Medicina quando concluísse o Ensino Médio.

Por fim, Marceline, 30 anos, chegou ao Brasil em 2017, para reencontrar seu namorado, que já vivia aqui há três anos. Em seu país de origem, cursou a faculdade de Engenharia Civil, embora não tenha concluído o curso. No Brasil, segue exercendo a mesma profissão que tinha no Haiti, atuando na construção civil, especialmente como pedreira e azulejista. Atualmente, Marceline possui uma empresa de manutenção residencial e coordena uma equipe de cinco pessoas, brasileiros e haitianos. Além disso, produz artesanato que, segundo ela, mistura as culturas do Haiti e do Brasil, e o vende em algumas feiras e pela internet.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1. OS USOS DAS TICS, AGENCIAMENTO E ATIVISMO DE HAITIANAS

A partir das narrativas das entrevistadas, é possível observar que as TICs estão marcadamente presentes em seu cotidiano, sendo utilizadas em questões afetivas e profissionais, bem como na busca por informações para facilitar a sua inserção e vida no Brasil. As ferramentas mais utilizadas são aplicativos como o WhatsApp, o Messenger e o Facebook, que possibilitam a comunicação com familiares e amigos que vivem no Haiti

ou em outros países e permitiram, por exemplo, que Marceline e Kelly mantivessem contato frequente com seus maridos no período em que viveram em países distintos, e que a mãe de Viviane a contatasse diariamente, diminuindo as distâncias e possibilitando que seguissem acompanhando os acontecimentos da vida familiar.

No caso de Marceline, as TICs são também utilizadas para divulgação do trabalho que desenvolve, tanto na área da construção civil quanto na produção de artesanato. Ela criou uma página da sua empresa no Facebook, onde compartilha imagens dos trabalhos realizados. Além disso, divulga sua produção manual em sua página pessoal do Facebook e realiza vendas a partir do WhatsApp.

Apesar das diferentes trajetórias e projetos, as cinco entrevistadas possuem alguma atuação em experiências de mobilização coletiva orientadas à melhoria de vida dos haitianos, à ampliação de direitos, à abertura de espaços e ao seu reconhecimento enquanto cidadãos. Das cinco entrevistadas, Nicole e Viviane participaram em experiências de ativismo mais formais e institucionalizadas. Viviane em uma associação criada para debater sobre os problemas enfrentados pela comunidade haitiana em São Paulo, e Nicole, em uma associação que congrega estudantes haitianos na cidade de Florianópolis.

A Associação dos Estudantes Haitianos da UFSC, da qual Nicole participava, congregava os migrantes para promover discussões sobre política, organizar eventos comemorativos referentes a datas importantes para a cultura haitiana e estabelecer ações práticas em relação a algum conterrâneo que necessitasse de ajuda. Por sua vez, Viviane participava como vice-presidente de uma associação chamada de Movimento dos Haitianos em São Paulo, que se reunia duas vezes ao mês para discutir iniciativas e possibilidades de apoio aos migrantes, especialmente em demandas relacionadas à educação. A associação tinha o intuito de reunir-se com políticos para reivindicar menor burocracia na revalidação dos diplomas universitários no Brasil, o que permitiria aos haitianos atuar em suas áreas de formação e disputar melhores vagas de trabalho.

A primeira vez, tem duas meninas que estavam lá no Equador e chegaram passando por Manaus. Teve uma em Manaus também, uma associação em Manaus. Depois elas falaram 'deixar em Manaus e morar em São Paulo, tem

que fazer outra associação'. Elas fizeram outra associação. Depois um ano, dois anos, três anos e fui eu quem fui fazer parte da associação. Tem gente que entra, gente que sai. Porque tem muitos haitianos que vem pra cá, mas tem muitos que já saíram do Brasil.

Na experiência pessoal de Viviane, as TICs são utilizadas constantemente em todo seu processo educacional no Brasil. Através de pesquisas na internet, descobriu quais as etapas necessárias para acessar a escola, como relata:

Escola também eu acho pela internet. Escola da prefeitura. Eu acho pela internet. Eu acho diretório de ensino também pela internet. Eu vejo resultados pra dizer "onde está o diretório de ensino". Eu escrevo na minha língua, o francês. Depois o resultado eu procuro que, eu vejo a tradução, boto na internet. Onde tem uma escola assim... [...] Eu fui lá e depois de 15 dias me deram o papel pra passar na escola e pronto.

Além disso, ela utiliza as tecnologias no processo de aprendizado, realizando pesquisas sobre os conteúdos estudados na escola e gravando as aulas para poder posteriormente traduzi-las com auxílio de ferramentas disponibilizadas na internet.

Pode-se perceber que a educação se constitui pauta central na trajetória e experiências de nossas entrevistadas, pois também na narrativa de Kelly os esforços realizados para estudar e se capacitar profissionalmente possuem grande destaque, assim como na de Marceline, que deseja retomar o ensino superior no Brasil, agora no curso de Arquitetura e Urbanismo. Esse profundo interesse pelo estudo e pela ampliação dos conhecimentos é revelador sobre a migração haitiana para o país, se considerarmos, conforme aponta Marques (2012), que se percebe no Haiti a existência de uma crença na educação como instrumento de ascensão social.

Entretanto, ela aponta que a participação de mulheres em cursos superiores no Haiti é muito baixa e concentrada principalmente na área de Enfermagem. Conforme a autora, "um problema como esse denuncia a persistência de fatores econômicos e de segurança envolvidos na decisão das mulheres de deixar o sistema escolar antecipadamente ou de optar em meio a um espectro muito estreito de carreiras" (Marques, 2012, p.110). Pensando em nossas entrevistadas, é possível considerar, portanto, a educação como

uma dimensão transversal em seus projetos migratórios, como um âmbito que delineia a participação pública dessas mulheres e que pauta, de modo preponderante, os usos que fazem das TICs, especialmente no contexto de suas experiências de ativismo.

A educação demarca a experiência de ativismo protagonizada por Gabrielle e que está relacionada à dificuldade de acesso à educação no Haiti apontada por Marques (2012). Diferentemente das demais entrevistadas, sua atuação não se orienta à comunidade haitiana que vive no Brasil, mas tem como objetivo a intervenção no país de origem. Com apoio da organização em que trabalha como professora, ela criou uma página de financiamento coletivo na internet com a finalidade de arrecadar dinheiro para a compra de um terreno e construção de uma escola na região de Corail, área economicamente desfavorecida do Haiti em que já havia trabalhado como professora voluntária após o terremoto de 2010.

Sua iniciativa, nomeada como *École no Haiti*, ganhou ampla divulgação tanto nas redes sociais quanto em organizações midiáticas tradicionais.¹³ A essa visibilidade midiática e pública da proposta, a imigrante haitiana atribui o fato de ter alcançado a meta financeira inicialmente estipulada e que lhe permitiu dar início ao projeto no Haiti. Identifica-se em sua proposta a experiência de um ativismo de caráter transnacional, considerando, conforme apontam Glick-Schiller, Basch e Szanton Blanc (1995), que sujeitos migrantes, ao mesmo tempo em que se estabelecem no país de acolhida, podem continuar mantendo relações e conexões e influenciando eventos em seus países de origem. Nesse sentido, compreende-se que a iniciativa de Gabrielle –difundida pela internet– vai ao encontro da percepção de Cogo (2015), para quem as dinâmicas de consumo e produção comunicacional dos imigrantes ampliam as suas possibilidades de intervenção na cena pública para além do limite local e nacional, favorecendo processos de mobilização cidadã em uma perspectiva transnacional.

Figura 1. Escola no Haiti.

¹³ <https://bit.ly/2qRj2jr> e <https://bit.ly/2Jt0X1l>

"Meu objetivo é amar, porque amar é ensinar", diz professora que quer construir escola no Haiti

26/04/2017 10h11

Comunicar erro

Bárbara Forte
Do BOL, em São Paulo

A professora haitiana Geneviève Cherubin, 34, mora há dois anos no Brasil, mas tem o sonho de voltar para seu país de origem, em junho, para construir uma escola e formar crianças que hoje vivem em regiões onde não há infraestrutura de ensino. Por meio de uma vaquinha virtual, ela conseguiu alcançar parte da meta (R\$ 40 mil) para realizar seu objetivo. O [financiamento coletivo](#) fica disponível até sexta-feira (28) e busca reunir R\$ 55 mil.

Fonte: <https://bit.ly/2qbbKX4>

Outra experiência de ativismo relacionada aos usos das TICs é relatada por Kelly e aparece vinculada à constituição de espaços de produção e difusão de narrativas midiáticas e disputas de cidadania em torno das condições de vida dos imigrantes haitianos no Brasil. A convite de um amigo, Kelly participou como atriz da websérie *Superação – Projeto Vivências: Haitianos*,¹⁴ projeto produzido em 2015 pela Secretaria de Direitos Humanos e Cultura da Paz de Santo André¹⁵ em parceria com a Escola Livre de Cinema e Vídeo da mesma cidade.

Embora siga um roteiro ficcional, a websérie foi idealizada pelo jornalista haitiano Pierre Montalais com o objetivo de mostrar à população brasileira as dificuldades enfrentadas pelos migrantes haitianos na chegada e inserção no país. Na perspectiva de Kelly, para além do tema abordado nos audiovisuais, a participação na série foi positiva por permitir

¹⁴Todos os episódios, exercícios de atores e making offs da websérie estão disponíveis em <https://bit.ly/2BQTQvi>

¹⁵ Cidade situada na região metropolitana de São Paulo.

que os haitianos mostrassem suas outras aptidões, desvinculando-os de estereótipos que os identificam frequentemente como trabalhadores das áreas da saúde, da construção civil e do comércio.

A partir da participação na websérie, Kelly tornou-se protagonista também da reportagem O Haiti é aqui, apresentada como história em quadrinhos e desenvolvida pela agência Pública.¹⁶ Na HQ, são relatadas as trajetórias migratórias e as primeiras experiências no Brasil de Kelly e de outros dois haitianos que participaram da websérie Superação. A reportagem destaca o grande interesse demonstrado por Kelly em continuar estudando e se aprimorando e os esforços realizados nesse sentido.

Embora não seja possível afirmar a existência de um ativismo formalizado ou exercido regularmente, percebemos uma dimensão coletiva na atuação de Kelly que, a partir de apropriações das TICs, busca dar visibilidade pública à realidade da imigração haitiana no Brasil. Além disso, Kelly relatou o desejo de participar da rádio Jovens Haitianos Progressistas,¹⁷ produzindo um programa sobre saúde voltado à comunidade haitiana.

Figura 2. Webserie haitianos no Brasil.

Fonte: <https://bit.ly/333nJod>

¹⁶ Disponível em <https://bit.ly/2NcMsQo>

¹⁷ Ao chegar ao Brasil, Kelly aproximou-se de outros migrantes que, posteriormente, formaram a rádio Jovens Haitianos Progressistas. Ver <https://goo.gl/Lzy7Kh>

A trajetória de Kelly, por sua vez, remete à reflexão sobre os limites da participação feminina em iniciativas de ativismo, visto que muitas mulheres ainda se encontram, em seus núcleos familiares, em posições de gênero cristalizadas que as tornam as principais e às vezes únicas responsáveis pelos cuidados com os filhos e o lar. Em nossa entrevista, Kelly revelou a necessidade de interromper o curso técnico em enfermagem após o nascimento da filha, tendo em vista que ela precisa se dedicar ao trabalho e aos cuidados com a filha e o sobrinho, que também vive com ela, enquanto o marido conclui a faculdade.

Nesse sentido, podemos refletir sobre como, no caso de mulheres migrantes que ainda possuem poucos laços no Brasil, a questão dos cuidados com a família opera como limitador de determinadas participações públicas, uma vez que tais mulheres encontram poucos sujeitos com quem compartilhar essas responsabilidades. Conforme pontua Ezquerria (2018, p.39).

Uma parte majoritária do cuidado resulta do esforço silencioso e invisível de famílias, sobretudo mulheres, que realizam malabarismos diários para cuidar de seus pequenos e pequenas, de seus nem tão pequenos e dos idosos, sofrendo por isso consequências cotidianas em sua saúde, em seu bem-estar e em seus projetos de vida a curto, médio e longo prazo.

Figura 3. HQ: O Haiti é Aqui.

Fonte: <https://bit.ly/2JEql4x>

Em perspectiva similar às participações de Kelly na websérie e na HQ, Nicole, que na época da entrevista era estudante de jornalismo, também relatou o seu engajamento em um projeto de uma plataforma online em que os próprios imigrantes, de todas as nacionalidades, pudessem contar suas histórias e divulgar publicações que abordassem as migrações. A jornalista apresentou uma proposta no âmbito do projeto SGB Lab, promovido pela organização Social Good Brasil.¹⁸

Conforme conta Nicole, a plataforma tinha como objetivo, através de conteúdos multimídia produzidos por sujeitos de distintos países e diferentes formações, visibilizar a migração e os migrantes para além das construções dominantes de miséria e guerra que são constantemente atreladas aos processos migratórios. “Nossa proposta é de mostrar o talento dessas pessoas, de forma humanizada, porque a pessoa está atrás de um sonho, e com certeza tem os seus talentos, tem uma história que quer compartilhar com a gente, que não é necessariamente uma história de infelicidade”, ressaltou Nicole. O relato evidencia, portanto, uma tentativa de deslocamento das representações vitimizantes sobre os migrantes, que desconsideram a heterogeneidade dos sujeitos e

¹⁸ Segundo o site da organização, o Social Good é um movimento encabeçado por organizações como o Fundação das Nações Unidas, PNUD, Fundação Bill & Melinda Gates, que objetiva “inspirar, conectar e apoiar indivíduos e organizações para o uso das tecnologias, novas mídias e do comportamento inovador para contribuir com a solução de problemas da sociedade”. Disponível em: <https://bit.ly/2BPHzHz>

de suas trajetórias. No momento de realização da entrevista, havia um protótipo do site da plataforma em desenvolvimento, mas ainda não disponível a visualização do público.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No marco da heterogeneidade que constituem as trajetórias de mulheres imigrantes haitianas no Brasil, a reflexão aqui proposta permitiu evidenciar a constituição, por essas mulheres, de espaços de autonomia que abrangem dinâmicas comunicacionais de participação no espaço público. Tais dinâmicas envolvem tanto a inserção profissional quanto o engajamento em ações ativistas de caráter mais coletivo, especialmente aquelas que implicam na presença de outros integrantes da diáspora haitiana no Brasil.

A partir da apropriação das TICs, ambas perspectivas são demarcadas pela relevância que possui a educação como dimensão transversal em seus projetos migratórios, delineando também a sua participação pública e os próprios usos que fazem das tecnologias da comunicação. No mesmo sentido, a educação torna-se o motor de algumas de suas iniciativas de ativismo, tanto em âmbito local, como é caso de Viviane, no contexto da associação de haitianos em São Paulo ou, ainda, transnacional, como o de Gabrielle, envolvida em um projeto de construção de uma escola no Haiti. A apropriação das TICs possibilita, ainda, a ocupação ou criação de espaços midiáticos para abordar e dar visibilidade à realidade da imigração haitiana no Brasil, conforme observamos na experiência de Kelly, ou propor outras representações sobre as migrações contemporâneas de haitianos e de outras nacionalidades, como é o caso de Nicole.

Observa-se, contudo, que os ordenamentos de gênero que condicionam os fluxos migratórios e fazem recair sobre as mulheres a responsabilidade dos cuidados de filhos e outros familiares também limitam os espaços de exercício de autonomia das entrevistadas, tanto no campo da formação e do exercício profissional, quanto em espaços públicos de participação, segundo evidencia a experiência de Kelly.

6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alencar-Rodrigues, R., Strey, M., e Espinosa, L. (2009). Marcas do Gênero nas Migrações Internacionais das Mulheres. *Revista Psicologia & Sociedade*, 21(3), 421-430, 2009. Disponível em <https://bit.ly/36aNVzm>.
- Alles, N., e Cogo, D. (2018). Ativismos e usos de TICS por mulheres migrantes latino-americanas: o caso do coletivo Equipe de Base Warmis. *In: Baeninger, R. et alli. Migrações Sul-Sul* (pp.296-308). Campinas: Nepo/Unicamp. Disponível em <https://bit.ly/2MPmnrU>.
- Assis, G. (2007). Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. *Revista Estudos Feministas*, 15(3), 745-772. Disponível em <https://bit.ly/2PorlaU>.
- Audebert, C. (2017). The recent geodynamics of Haitian migration in the Americas: refugees or economic migrants? *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, 34(1), 55-71. <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0007>.
- Brah, A. (2018). Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, 26, 329-376. Disponível <https://bit.ly/2pVXT7b>.
- Brignol, L., e Costa, N. D. (2016). Migração e usos sociais do facebook: uma aproximação à webdiáspora senegalesa no Rio Grande do Sul. *REMHU, Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, 24(46), 91-108, abr. Disponível em <https://bit.ly/2pVZqdh>.
- Campillo, I., e Ezquerro, S. (2018). ¿Qué hacer com los cuidados? De la Economía Feminista a la democratización de los cuidados. *VientoSur*. 156, 339-347. Disponível em <https://bit.ly/31OKHhx>.
- Cavalcanti, L., Oliveira, T., Araujo, D., e Tonhati, T. (2017). *A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. Relatório Anual 2017*. Brasília, DF: OBMigra, 2017. Disponível em <https://bit.ly/2wk9ZpV>.

Cogo, D. (2019). Communication, migrant activism and counter-hegemonic narratives of Haitian diaspora in Brazil. *Journal of Alternative and Community Media*, 4, 71-85. Disponível em <https://bit.ly/2JsZt7j>. Consultado em: 27 out 2019.

Cogo, D. (2017). Comunicação, migrações e gênero: famílias transnacionais, ativismos e usos de TICs. *Revista Intercom*, 40(1), 117-193. Disponível em <https://bit.ly/32Tu59J>. Consultado em: 07 abr. 2018.

Cogo, D. e Pássaro, M. (2017). 'A "foto roubada": mídias, visibilidade e cidadania da imigração haitiana no Brasil', *E-Compós - Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, 20(1), 1-23. <https://doi.org/10.30962/ec.1318>.

Cogo, D., ElHajji, M., e Huertas, A. (2012). *Diásporas, migraciones, tecnologías de la comunicación e identidades transnacionales*. Barcelona: Incom-UAB.

Georgiou, M. (2018). Does the subaltern speak? Migrant voices in digital Europe. *Popular Communication*, 16(1), 45-57. <https://doi.org/10.1080/15405702.2017.1412440>.

Glick-Schiller, N., Basch, L., e Szanton Blanc, C. (1995). From immigrant to transmigrant: theorizing transnational migration. *Anthropological Quarterly*, 68(1), 48-63. Disponível em <https://bit.ly/2qOUlyw>. Consultado em: 07 abr. 2018.

Gregorio Gil, C. (2009). Mujeres inmigrantes: colonizando SUS cuerpos mediante fronteras procreativas, étnico-culturales, sexuales y reproductivas. *VientoSur*, 104, 42-54. Disponível em <http://vientosur.info/spip.php?article3033>. Consultado em: 07 abr. 2018.

Guizardi, M., López, E., Nazal, E., e Valdebenito, F. (2017). Fronteras, Género y Patriarcado. Discusiones teóricas para replantear el transnacionalismo migrante. *Límite – Revista Interdisciplinaria de Filosofía y Psicología*, 12(38), 22-38. Disponível em <http://limite.uta.cl/index.php/limite/article/viewFile/218/196>. Consultado em: 07 abr. 2018.

Handerson, J., e Joseph, R. M. (2015). As relações de gênero, de classe e de raça: mulheres migrantes haitianas na França e no Brasil. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, 9(2). Disponível em <https://bit.ly/2Wn88NN>. Consultado em: 07 abr. 2018.

Handerson, J. (2015). *Diáspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana francesa*. Rio de Janeiro: UFRJ.

Handerson, J. (2017). A historicidade da (e)migração internacional haitiana. O Brasil como novo espaço migratório. *Periplos – Revista de Pesquisa sobre Migrações*, 1(1), 7-26. Disponível em <https://bit.ly/2Nkog5Q>. Consultado em: 07 abr. 2018.

Jolivet, V. (2017). Médias et migration. Territorialités connectées et ancragesausein de la communauté haïtienne de Montréal (1960-2016). *Espace populations sociétés*. Disponível em <https://bit.ly/2BOv3s0>.

Louro, G. (2011). *Gênero, sexualidade e educação – uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes.

Marinucci, R., e Milesi, R. (2016). *Mulheres migrantes e refugiadas a serviço do desenvolvimento humano dos outros*. Disponível em <https://bit.ly/2oofDYr>. Consultado em: 24 ago. 2018.

Marques, P. (2012). Outras Estórias Haitianas: educação, resistência e esperança no mais desconhecido dos países latino-americanos. *Revista Brasileira de Estudos Latino-americanos*, 2(1), 99-112. Disponível em <https://bit.ly/31OLBur>. Consultado em: 07 abr. 2018.

Martín-Barbero, J. (2015). Desde dónde pensamos la comunicación hoy. *Chasqui*, 128, 13-29. Disponível em <https://bit.ly/2BJztQW>. Consultado em: 24 jun. 2019.

Martín-Barbero, J. (2004). *Ofício de cartógrafo – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo, Loyola.

Motta Ramirez, O. (2019). L'immigration au féminin: un nouveau regard autravers du web social. *Revue française des sciences de l'information et de la communication*. Disponível em <https://bit.ly/2omXp9H>. Consultado em 27 de outubro de 2019.

Navarro García, L. (2014). Medios de comunicación creados por inmigrantes marroquíes en España: entre la movilización social y el control político. *Commons - Revista de Comunicación Social y Ciudadanía*, 3(2), 78-110. Disponível em: <https://bit.ly/3690awj> Consultado em: 28 out. 2019.

Parham, A. (2004). Diaspora, community and communication: Internet use in transnational Haiti. *Global Networks*, 4(2), 199–217. Disponível em <https://bit.ly/2MQqWBR>. Consultado em: 27 out. 2019.

Pimentel, M., e Cotinguiba, G. (2014). Elementos etnográficos sobre imigração na Amazônia Brasileira: Inserção social de haitianos em Porto Velho. *Revista Temas de Antropología y Migración*, 7, 31-55.

Piscitelli, A. (2008). Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, 11(2), 263-274.

Scopsi, C. (2009). Les sites web diasporiques: um nouveau genre médiatique? *tic&société*, 3(1-2), 79-100. Disponível em <https://bit.ly/2PI9cQK>. Consultado em: 14 jan. 2018.

Varela Huerta, A. (2013). *Por el derecho a permanecer y a pertenecer: una sociología de la lucha de los migrantes*. Madrid: Traficantes de sueños.

Ximenes, D., e Almeida, G. (2014). Brasil de volta ao imaginário de imigrantes. *Labor – Revista do Ministério Público do Trabalho*, 2(5), 26-32.